

# CARACTERÍSTICAS DE ALUNOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS AO ENSINO DE QUÍMICA

Braulio Alves de Albuquerque, Marcia Teixeira Barroso e Ivanira Sales Batista  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

**RESUMO:** A educação da pessoa jovem e adulta constitui-se em um espaço rico para reflexões quanto a formação integral do educando, considerando todo histórico de exclusão experimentada e os condicionamentos ao abandono escolar. Trazemos aqui, reflexões de uma investigação exploratória sobre características de uma turma de Química nesta modalidade de ensino, visando desenvolver uma futura intervenção pedagógica. Os passos que delinearam nossa pesquisa incluíram pesquisa bibliográfica e a imersão no campo de estudo. Utilizou-se de instrumentos que viabilizaram informações relevantes, as quais possibilitaram tecer algumas considerações, tais como: visão da Educação de Jovens e Adultos pelos educandos como espaço de aligeiramento da escolarização e sinalizações quanto ao ensino inadequado da Química para esse público.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos; Ensino de Química; Estudo exploratório.

**OBJETIVOS:** Refletir sobre as características de uma turma de Química, visando desenvolver uma futura intervenção pedagógica com o público da educação de pessoas jovens e adultos. Salientamos os desafios para a escolarização desses sujeitos, considerando as políticas educacionais e a realidade de um Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

## INTRODUÇÃO

Reflexões surgem quanto a que ensino de Química que poderemos ofertar, para que se atenda as demandas atuais da sociedade pós-moderna e não crie uma lacuna entre os conhecimentos vistos na escola e a sua aplicabilidade em situações da sociedade. Essas reflexões não permeiam exclusivamente o ensino na modalidade regular, pois afeta tanto mais a educação para pessoas jovens e adultas.

A definição que construímos deste público, a luz da Lei n. 9.394 (1996), é que são indivíduos que não tiveram acesso ou continuidade nos estudos na idade própria, nos níveis de educação fundamental e/ou médio. Porém, essa descrição é por si só bastante genérica, considerando a pluralidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Arroyo (2005, p. 31) declara que, são uma: “diversidade de educandos: adolescentes, jovens, adultos em várias idades; diversidade de níveis de escolarização, de trajetórias escolares e sobretudo de trajetórias humanas[...]”.

A educação para a EJA ainda é um desafio a ser superado, baseado na busca de oportunizar o ensino a esse público. Com estudantes que não concluíram no período habitual o processo de escolarização, é importante que possam realiza-lo, reparando a situação de exclusão escolar que eles já vivenciaram.

Quando utilizamos o termo escolarização, queremos transpor a ideia que vai além do simples ato de ensinar a ler e escrever. O sentido que caracteriza é a introdução do sujeito na discussão de conhecimentos de várias áreas do saber, pois entendemos que a resolutividade concreta para EJA necessita de uma sistematização que não pode ser garantida por campanhas e políticas públicas pontuais.

## A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO ESPAÇO PARA REFLEXÃO

Para um melhor entendimento deste segmento de educação, é válido lançarmos uma visão sobre alguns aspectos da sua constituição histórica, que influenciaram na consolidação desta modalidade e nas reflexões quanto aos desafios que ainda precisam ser enfrentados.

Um dos desafios da EJA, aparece como um dos reflexos a negação do direito a escolarização. A fala de Carvalho (2011) contempla esse aspecto, relatando que esta negação também é compartilhada por muitos administradores públicos, que observam a EJA como uma educação de categoria secundária.

Na perspectiva do sistema educacional brasileiro, nos depararmos com outros desafios. Para Costa, Santos, Ramalho e Echeverría (2009), existe um paradigma do ensino supletivo, uma visão compensatória sobre essa modalidade e ausência de uma abordagem pedagógica específica voltada para esses sujeitos.

A ideia formada sobre o estabelecimento da EJA no Brasil, é o produto de pequenas ações que foram consolidando-a, e não foi baseada em uma busca de resolutividade das necessidades e da exclusão vivida por esses sujeitos. Sena e Souza (2013, p. 122) retratam essa situação: “Assim, a EJA foi sendo construída muito mais a partir de questões desenvolvimentistas do que pedagógicas, sociais, políticas e relacionadas à emancipação do sujeito”.

Ao explorar-se o histórico do EJA, percebe-se o tratamento pontual que configurou o seu percurso, que foi permeado por campanhas e programas que não se traduziam como uma maneira de formalização deste público na educação básica. Por conseguinte, pelo menos três sequelas podem emergir dessas ações efêmeras: fragilidade na formação identitária, o paradigma de ensino supletivo e supressão da garantia de continuidade a uma escolarização efetiva.

A alfabetização no Brasil aconteceu tardiamente, segundo Brasil (2008) apenas no transcorrer do século XX. Até o desfecho do século XIX, limitava-se quase que as elites proprietárias e aos homens livres e das vilas e das cidades, parcela mínima da população. Historicamente vê-se a falta de atenção quanto a oferta igualitária de educação, restrita a um grupo seletivo.

O direito a educação da EJA passou por um processo de conquistas e retrocessos ao longo dos anos. No início dos anos 60, o cenário político-social possibilitou a experimentação de novas práticas de alfabetização, dentre as quais estavam as que adotaram a filosofia e o método de alfabetização proposto por Paulo Freire (Brasil, 2008). No entanto, as práticas alicerçadas no método freireano, foram sucumbidas pelo regime militar, que criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Esse programa disseminou a ideia de ensino supletivo para EJA, baseado na visão de compensação da escolarização não realizada no período regular.

No panorama contemporâneo visualizamos a necessidade da EJA. Viabilizar a este público a construção da sua autonomia, em que se tornando sujeitos conscientes, possam portar-se ativamente na sociedade. Essa perspectiva pode-se ser vista na fala de Carvalho (2011, p. 91), ressaltando a relevância de uma maior politização, de se buscar a libertação e a transformação social, visto que “os sujeitos envolvidos trazem consigo um histórico de negação de direitos, de vitimação, de exclusão, e não só educacional”.

Considerando esse aspecto, Freire (2011) discute um saber que se faz necessário ao educador, é a consciência que ensinar não consiste na transferência de conhecimentos, em uma relação vertical, mas um momento de oportunidade para o educando criar possibilidades para a sua própria construção ou sua produção.

Ao trazermos nossas reflexões, não pretendemos afirmar que não existam desafios a serem enfrentados pelos educadores, ou que os problemas dessa modalidade estejam ligados unicamente a prática docente, visto que a negligência a esse público perpassa pela ação do estado, como esclarece Friedrich, Benite, Benite e Pereira (2010, p. 405).

## METODOLOGIA

Essa pesquisa teórico-empírica partiu de uma pesquisa bibliográfica, realizada em documentos oficiais direcionados a ao público de estudo, no site do Ministério da Educação do Brasil, e na ferramenta de pesquisa Google Acadêmico. Para essa ferramenta de pesquisa, fizemos uso de algumas palavras-chave, tais como: educação de jovens e adultos, EJA, ensino de química, propostas pedagógicas no EJA e público EJA.

Posteriormente, realizou-se a exploração do campo, que ocorreu em uma instituição especializada na EJA. Neste estabelecimento de ensino, tivemos a oportunidade de reconhecer seu funcionamento, as tendências pedagógicas assumidas para o ensino dos conhecimentos da Química e matérias didáticos utilizados.

Na abordagem do problema, seguimos características de uma pesquisa qualitativa, tais como: feita em ambiente natural, o investigador interage com o público, feita no local onde emerge a problemática de estudo, e a análise dos dados se dá indutivamente (Creswell, 2010).

Um dos instrumentos que recorremos foi a observação, típica da presença do pesquisador no ambiente, estivemos presentes em pelo menos uma aula semanal, durante um período letivo (seis meses). Fizemos uso também de um questionário, que segundo Laville e Dionne (1999), é uma abordagem frequente em pesquisas, consistindo em preparar um conjunto de perguntas sobre um tema visado. A aplicação do questionário foi feita por nós professores pesquisadores, auxiliados pelo professor responsável pela turma, e sucedeu após alguns meses do início do acompanhamento.

O questionário foi composto por perguntas fechadas e um espaço aberto no final, para que os estudantes relatassem algo que considerasse relevante. Essas questões, foram previamente estruturadas e tiveram como base procurar o esclarecimento de aspectos da trajetória escolar, grupos etários e motivações para estudo nesta modalidade de ensino, e estão relacionados ao problema de estudo. Visava possibilitar a partir desses fatores, a caracterização das particularidades dos participantes do grupo de estudo.

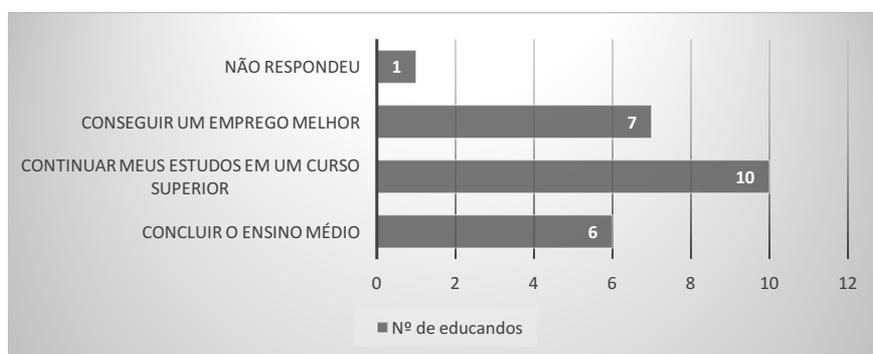
O público com os quais desenvolvemos nossa investigação, foram estudantes do CEJA Professor Felipe Guerra, que é uma instituição pública localizada na cidade de Natal. A turma era composta de vinte e três educandos, destes apenas um não respondeu ao questionário. Entre os que se submeteram a esse instrumento, seis eram do sexo masculino e dezesseis do feminino.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do questionário, indagamos sobre quais motivos os levaram a cursar o ensino médio. Para essa questão foram orientados a marcarem mais de uma opção, caso jugassem necessário.

Percebeu-se, a partir dos resultados organizados no gráfico 1, que cerca de 77,3% do público da turma vê no ensino médio uma alternativa de acessão, tanto profissional quanto possibilidade de prosseguimento dos estudos. Isto vai ao encontro do que aponta Friedrich et al (2010, p. 402), que ao relatar sobre o retorno desse jovem a EJA, indica se traduzir uma busca de certificação, com a expectativa de “que teoricamente o colocaria no mercado de trabalho e teria o seu lugar na sociedade garantido, tendo com isso o resgate da autoestima e passando a ser visto como um cidadão comum”. A leitura do

gráfico 1, também nos fornece que seis estudantes são movidos apenas pela intenção de conclusão da educação básica, e um se absteu de expor seu motivo.

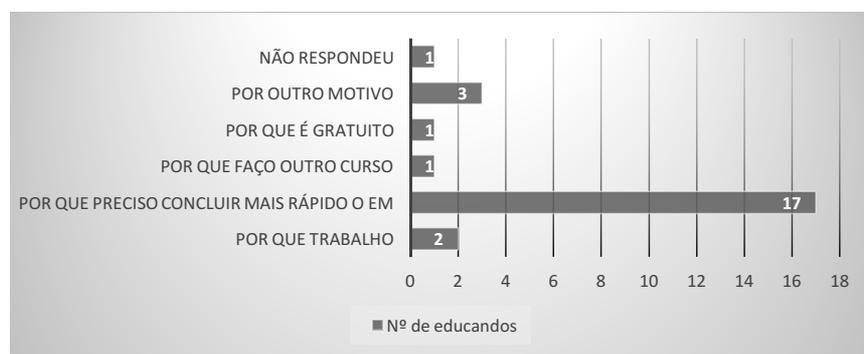


Gráf. 1. Motivação ao cursar o ensino médio

Em questão posterior, sondamos qual a opção feita pela modalidade EJA. Aqui também o estudante poderia marcar mais de uma opção. Os dados podem ser vistos no gráfico 2, em que é relacionado a opção de escolha pelo quantitativo de estudantes.

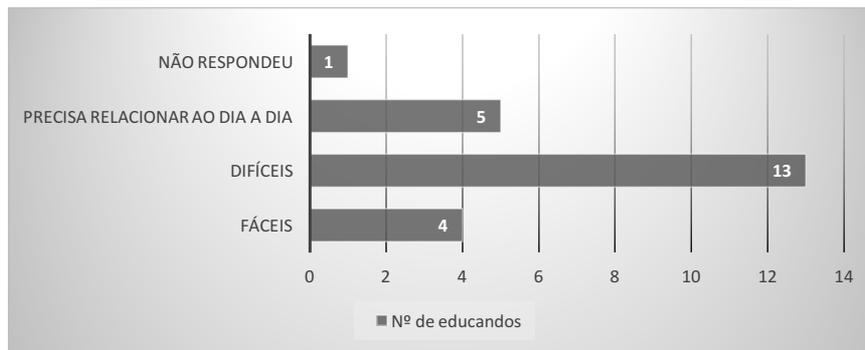
Da percepção fornecida pelo gráfico 2, observamos que a escolha feita pela maioria se relaciona com o fato de poderem concluir o ensino médio em um intervalo de tempo menor. Isto é um indicativo de que a percepção de aligeiramento da escolarização quanto a EJA, se afeiçoa como um coletivo de pensamento que permeia também a mente do próprio educando. Lambach e Marques (2009, p. 228) relatam esse aspecto: a “idéia de aligeiramento imposto para a EJA, estariam localizados no grupo dos diretores e equipes pedagógicas, dos professores, familiares, dos próprios alunos [...]”.

No campo destinado a indicação de outros motivos, também foram sinalizados como causas terem que cuidar dos filhos e por faltarem poucas disciplinas para conclusão do ensino médio. Como a instituição oferta as disciplinas por blocos, possibilita este público cursar as disciplinas que não se obteve êxito, em outro período.



Gráf. 2. Opção pela modalidade EJA

No gráfico 3, trazemos a resposta a uma pergunta do questionário em que os estudantes poderiam mostrar suas opiniões quanto ao conteúdo da disciplina de Química e ao julgamento que fazem da química. Novamente poderiam marcar mais de uma opção.



Gráf. 3. Como julgam o conteúdo da Química

A compreensão dos dados nos revela um maior número de julgamento dos conhecimentos químicos como difíceis e a necessidade de ser relacionado ao dia a dia. Podemos inferir aqui, que as respostas sinalizam que ocorre uma abordagem tradicional para esse conhecimento, esse processo de instrução recebido segundo Caamaño (2007), é uma das causas que favorecem as dificuldades de aprendizagem.

Entretanto, também podem estar envolvidos outros fatores que caracterizam essa ação docente, como o apontado na pesquisa de Lambach e Marque (2009). Estes pesquisadores concluíram que os professores fazem uso de uma linguagem específica da Química, fundadas em fixação de fórmulas e nomes de substâncias químicas, resolução de problemas, matematizando fenômenos, sem tratá-los de modo qualitativo.

Em relação ao espaço aberto do questionário, que disponibilizamos aos educandos para expressarem algo que considerassem necessário, poucos utilizaram esse quadro. Apenas seis estudantes relataram algumas dificuldades enfrentadas no retorno aos estudos, tais como: o longo período que passaram sem estudar, o pouco tempo disponível para estudar devido desenvolverem conjuntamente uma atividade laboral, além da idade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desfecho desta exploração nos situou em um estado de hesitação. As sinalizações dadas a partir das informações obtidas, apontam a EJA como um campo fértil a reflexão quanto a práticas didática-metodológicas a serem pensadas e estudadas para esse segmento da educação. Prosseguimos na busca de ver a disciplina de Química como instrumento de formação de cidadãos capazes de intervir em seu meio social.

Vale a pena ressaltar a heterogeneidade do público que chega a essa modalidade de ensino, no qual vem apresentando mudanças de perfil, quanto a idade, expectativas e comportamentos. Isto requer uma atenção nas políticas educacionais, para que haja mudanças significativas na EJA. Porém, isto atualmente constitui-se um grande desafio, pois esta modalidade é frequentemente relegada a um segundo plano, refletindo-se como uma falta de prioridade política e passando-nos uma impressão de uma atribuição de reduzido valor a essa modalidade, por parte de alguns governantes e educadores. Assim, propostas pedagógicas que possam minimizar as dificuldades observadas, são consideradas importantes.

Nas respostas dos educandos, percebemos também sinalizações quanto ao tratamento dado ao processo de ensino da Química, que ocorre de forma tradicional. Ao refletir sobre esses fatores, algumas recomendações no enfrentamento dessa problemática pode perpassar por estratégias didáticas pedagógicas ativas, que possa promover a autonomia do educando na construção de seus conhecimentos. Vemos a estratégia dos Três Momentos Pedagógicos (Delizoicov, 2001), como uma valiosa ferramenta no enfrentamento da problemática da abordagem dos conhecimentos químicos.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. (2005). Educação de Jovens e Adultos: Um Campo de Direitos e de Responsabilidade Pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M. A. G. C.; GOMES, N. L. (orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos* (pp. 19- 50). Belo Horizonte: Autêntica.
- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (1996). Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Recuperado em 05 junho, 2016, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm).
- Brasil, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. (2007). *Educação de jovens e adultos: Uma memória contemporânea, 1996-2004*. Brasília: SECADI, UNESCO.
- Brasil. (2008). *Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática*. Brasília: UNESCO.
- CAAMAÑO, A. (2007). La enseñanza y el aprendizaje de la química. In: Aleixandre, M. P. J. (Coord.), Caamaño, A., Oñorbe, A., Pedrinaci, E., & Pro, A. *Enseñar ciencias* (pp. 203-228). Barcelona: Editora Graó.
- COSTA, L. S. O., SANTOS, M. C., RAMALHO, R. R. F., & ECHEVERRÍA, A. R. (2009, novembro). Análise da elaboração conceitual nos processos de ensino-aprendizagem em aulas de química para Jovens e Adultos: Por uma Formação Integrada. *Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, Florianópolis, SC, Brasil, 7.
- CRESWELL, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3a ed., M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- CARVALHO, M. P. (2011). *As políticas para a Educação de Jovens e Adultos nos governos Lula (2003-2010): incongruências do financiamento insuficiente*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Disponível: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20012012-094046/>.
- DELIZOICOV, D. (2001). Problemas e problematizações. In: PIETROCOLA, M. (Org.). *Ensino de física: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora* (pp. 125-150). Florianópolis: Ed. da UFSC.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FRIEDRICH, M., BENITE, A. M. C., BENITE, C. R. M., & PEREIRA, V. S. (2010). Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governos a propostas pedagógicas esvaziadas. *Ensaio*, 18(67), 389-410.
- LAVILLE, C., & DÍONNE, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ.
- LAMBACH, M., & MARQUES, C. A. (2009). Ensino de Química na Educação de Jovens e Adultos: Relação entre Estilos de Pensamento e Formação Docente. *Investigações em Ensino de Ciências*, 14(2), 219-235.
- SENA, M. M., & SOUZA, R. M. (2013). Alfabetização de Jovens e Adultos: Espaço de (Re)Construção de Identidades. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, 1(1), 119-139.